

Comunidade de Práticas Virtual para Investigadores – Um projeto em desenvolvimento

Inês Góis Pedro

FPCE, Universidade de Coimbra
inesgpedro@hotmail.com

Ana Amélia Carvalho

FPCE, Universidade de Coimbra
anaameliac@fpce.uc.pt

José Porfírio

Universidade Aberta
Jose.Porfirio@uab.pt

Leonel Morgado

Universidade Aberta e INESC TEC
Leonel.Morgado@uab.pt

Resumo – As Comunidades de Prática fomentam a aprendizagem, transmissão e produção de conhecimento na organização. Contudo, esta perspetiva é ainda pouco desenvolvida nas comunidades online de e para investigadores. Neste artigo, apresenta-se o plano de desenvolvimento de uma Comunidade de Prática, desenvolvida na plataforma Moodle e num grupo no Facebook, para investigadores na Universidade Aberta, alicerçado num enquadramento teórico do tema, com o qual se pretende reforçar a comunicação online e cooperação entre os investigadores, potencializando a coesão e melhoria de práticas a nível da investigação. Pela análise de entrevistas realizadas aos investigadores e das dinâmicas geradas no grupo de Facebook verifica-se interesse no desenvolvimento de projetos de investigação e preferência pelo trabalho em equipa, apesar da falta de financiamento, tempo ou apoio. Apurou-se ainda um aumento de interações em publicações dos próprios investigadores, sendo que, em média, apenas 21 dos 43 membros do grupo visualizam as publicações, havendo maior ou menor interesse conforme o tipo de publicação feita.

Palavras- chave: Comunidade de Prática; Tecnologias; M-Learning.

Introdução

Associadas às tecnologias e atualmente aos dispositivos móveis, as Comunidades de Prática (CoP, *Community of Practice*) fomentam a aprendizagem, transmissão e produção de conhecimento (Silva, 2008), podendo o desenvolvimento de CoP virtuais aumentar o conhecimento da organização através do uso das novas tecnologias e melhores práticas,

permitindo que determinada prática se torne, gradualmente, parte do conhecimento da organização (Melo & Sattamini, 1999).

Apesar das dimensões sociais e colaborativas da atividade científica moderna, ainda não é comum o recurso aos conceitos das CoP para reforçar a comunicação *online* entre investigadores, potencializando a coesão e melhoria de práticas a nível da investigação. Para este efeito, apresenta-se o plano de desenvolvimento de uma CoP direcionada para a investigação, na Universidade Aberta (UAb), tirando-se partido do contexto *mobile* para facilitar a interação na comunidade.

Comunidades de Prática: o que são e como se constituem

Cunhado por Etienne Wenger e Jean Lave em 1991, o termo CoP refere-se a uma visão do desenvolvimento da aprendizagem e conhecimento no contexto de um grupo de indivíduos, que se reúnem e envolvem de forma presencial ou virtual, coletiva e periodicamente, em prol de um objetivo comum: empreendimento conjunto, troca de informações/experiências, aplicação de conhecimentos (Takimoto, 2012; Wenger, 2011). De uma perspetiva dinâmica e interventiva, a constituição de uma CoP foca-se numa estrutura auto-organizada focada na criação/partilha de conhecimentos, com vista a aumentar a competitividade organizacional, usando gestão do conhecimento, onde a prática e o trabalho conjunto originam conhecimentos, criatividade e aprendizagens (ORPEG, s.d.).

Possuir uma tarefa em comum leva à partilha de informações/conselhos e entretajuda na resolução de problemas, através da discussão de situações e da exploração de ideias. Com o passar do tempo são desenvolvidas perspetivas, relações pessoais e capacidades de interação. Esta interação social irá produzir aprendizagens, conhecimentos e criatividade, úteis para o mercado de trabalho, impulsionando competitividade, economia, amizade, confiança e respeito (Wenger, McDermott & Snyder, 2002; Wenger, McDermott e Snyder, 2004, *apud* ORPEG, s.d.). O valor da aprendizagem colaborativa traz benefícios para a satisfação e realização pessoal e profissional, através do desenvolvimento de atividades como: resolução de problemas, pedidos de informação, partilha de experiências, coordenação, sinergia, discussão de empreendimentos, projetos de documentação, encontros, mapeamento de conhecimentos e identificação de lacunas (Wenger, 2011; Wenger, McDermott & Snyder, 2002). Participa-se numa CoP devido ao interesse e valor de estar numa comunidade, procurando interagir com pessoas que partilhem dos mesmos interesses. Geralmente, permanece-se numa CoP, por se criar através dela uma ligação emocional (Wenger, McDermott e Snyder, 2002).

Atualmente, com as inovações tecnológicas e organizacionais, existe uma procura por trabalhadores qualificados, polivalentes e colaborativos, pela capacidade de inovação, colaboração e aprendizagem. Neste sentido, surgem como solução as CoP virtuais, redes de indivíduos que colaboram e partilham uma área de investigação e comunicam sobre ela *online*, à distância, processando-se semelhantemente a uma presencial, através de ferramentas

síncronas e assíncronas, não estando atribuídas a um espaço geográfico (Loureiro et al., 2009). Estas fomentam a transmissão e produção de conhecimento e uma relação com a aprendizagem para com a maioria (Silva, 2008), sendo que o desenvolvimento das CoP virtuais pode aumentar o conhecimento da organização através do uso das novas tecnologias e melhores práticas, permitindo que determinada prática se torne, gradualmente, parte do conhecimento da organização (Melo & Sattamini, 1999). Para terem sucesso, são necessários vários fatores, nomeadamente a tecnologia e sua usabilidade, confiança e aceitação das tecnologia e meios de comunicação, noção de pertença, partilha de ambições e linguagem utilizada, sendo os debates *online* importantes para a confiança e crescimento da comunidade (Gannon-Laery e Fontainha, 2008, *apud* Loureiro et al., 2009).

Apesar da perda de proximidade física e de elementos de interação (e.g., comunicação não-verbal), estas comunidades adaptam-se através do reforço simbólico de pertença (Loureiro et al., 2009). Ainda assim, a ausência de barreiras geográficas permite uma maior diversidade de participantes.

CoP e Tecnologias Móveis

As CoP hoje em dia desenvolvem-se e promovem-se com as tecnologias da Internet, permitindo uma maior produtividade no desenvolvimento de sistemas de conhecimento e na criação de comunidades virtuais (Balancieri, Bovo, Kern, Pacheco, & Barcia, 2005), unindo pessoas em diferentes partes do mundo/organização, através de redes sociais abertas (Facebook) ou restritas (Moodle), bem como acesso a repositórios partilhados (blogues) como forma de fornecer informação para as práticas da comunidade, apoiar conversas dentro da comunidade e fornecer acesso a informação (Hoadley, 2012).

As plataformas de gestão da aprendizagem (LMS – *Learning Management Systems*) e a evolução da Web 2.0 proporcionam a criação de comunidades, abrindo novos espaços que permitam a criação de um ambiente favorável para a construção de conhecimentos, aplicação e resolução de problemas (Dias, 2008).

Plataformas como o Academia.edu ou o ResearchGate permitem criar novas ligações entre autores – leitores e desenvolver o debate académico entre investigadores, sendo espaços com significativa adesão da comunidade científica.

Os dispositivos móveis, devido à sua capacidade de conexão à Internet e de armazenamento de informação, funcionam como grandes catalisadores de *mobile learning*, impulsionando as comunidades virtuais (Cordenonzi et al., 2013).

As CoP no desenvolvimento das práticas científicas

Segundo Senge (1990, *apud* Cox, 2013) as CoP tornam as instituições organizações de aprendizagem, existindo colaboração para com a missão, objetivos e desafios da instituição. No entanto, são raras as instituições de educação superior que são organizações de aprendizagem, devido ao isolamento dos docentes, proteção do trabalho, falta de conexões,

interesse, participação, recompensas e reconhecimento. Estes aspetos podem ser combatidos, ao longo do tempo, implementando CoP o mais cedo possível (Cox, 2001, *apud* Cox, 2013).

A participação dos investigadores nestas comunidades origina partilha de capacidades/perspetivas, desenvolvimento de investigação (Wenger, 1998, *apud* Hill & Haigh, 2012) e um maior reconhecimento das suas competências, sendo possível colaborar com pessoas com diferentes experiências e aprender habilidades necessárias (Lave e Wenger, 1991, *apud* Hill & Haigh, 2012).

Apontam-se algumas limitações, nomeadamente a falta de tempo para participar; possibilidade de os participantes agirem para manter estatuto do que para desenvolver capacidades; falta de um grupo central que reúna regularmente e apoie os membros; baixo nível de interação entre membros; impedimento da eficácia em CoP menos estruturadas devido a objetivos opostos por parte das hierarquias organizacionais; falta de identificação para com uma CoP; falta de vontade para experimentar práticas sugeridas ou trabalhar em conjunto com outros (Hill & Haigh, 2012). Apesar disto, muitos investigadores trabalham em grupo.

Para uma construção de uma comunidade de investigação, é necessária uma ligação entre uma liderança forte e uma cultura de investigação, onde os investigadores sejam incentivados a trabalhar em equipa, aumentando as suas capacidades através da perícia, motivação e oportunidades (Murray et al., 2009, *apud* Hill & Haigh, 2012). No entanto, para que a CoP tenha sucesso e aumente os resultados, é necessário um trabalho diário na construção de novos valores, conhecimento e valorização de cada investigador e suas perspetivas, trabalhar a partir de interesses e forças próprias, manter e apoiar relações e construir uma perspetiva de investigação, com base nas identidades existentes e interesses intrínsecos da equipa para a construção de uma base de conhecimentos de investigação (Hill & Haigh, 2012). Refere-se ainda a necessidade de as CoP serem lideradas por investigadores experientes dispostos a direcionar novas e emergentes pesquisas dentro da instituição.

Direciona ao ensino superior, a CoP torna-se estruturada, multidisciplinar, anual, voluntária, local, heterogénea, nutrida, intencional e institucionalizada, recorrendo a reuniões trisemanais com foco na construção da comunidade e no desenvolvimento de produtos académicos. Uma participação atempada nestas comunidades origina aprendizagem, apoio por parte dos membros e desenvolvimento de consciência e capacidades. O conhecimento motiva para a participação e contribuição do mesmo. O sentido de comunidade promove a confiança e encoraja a tomada de riscos. A prática gera a organização de atividades, reuniões, avaliações, relatórios e apresentações para o processo de partilha do conhecimento (Cox, 2013).

Plano de desenvolvimento da CoP científica

Através da análise de necessidades, é possível observar que a Universidade Aberta (UAb) tem uma dinâmica de investigação bastante positiva com algum destaque em alguns rankings (i.e. Research Gate). No entanto, esta está ainda limitada a um número reduzido de docentes, onde

a partilha e colaboração não são práticas muito assumidas. Este facto move a uma procura de estratégias que possam gerar maior participação e partilha entre investigadores.

Assim, pretendemos reforçar a comunicação *online* e cooperação entre os investigadores, potencializando a coesão e melhoria de práticas a nível da investigação. Foi desenvolvido para este contexto o presente plano de criação e dinamização de uma CoP, tendo em conta os princípios seguintes (Wenger, McDermott e Snyder, 2002; ORPEG, n.d.; Takimoto, 2012; Loureiro et al., 2009):

Design para Evolução – A comunidade desenvolve-se naturalmente sobre redes pessoais e dinâmicas pré-existentes, sendo necessário um seguimento e orientação da sua evolução.

Abrir diálogo entre perspetivas interiores e exteriores – Os membros devem perceber qual o propósito da comunidade, desenvolvendo a sua identidade e percebendo o seu potencial de desenvolvimento, desafios existentes, problemas, conhecimento importante para partilhar, potenciais técnicas e ideias emergentes e os relacionamentos entre os colegas, aumentando o sentido de pertença à comunidade. Por vezes, torna-se necessária uma perspetiva exterior à comunidade para detetar as possibilidades desta.

Diferentes níveis de participação – Inclui um coordenador (identifica problemas importantes; planeia eventos; desenvolve e cria ligação entre os membros; faz a ligação comunidade/organização; ajuda na construção da base de conhecimento, lições aprendidas, melhores práticas, ferramentas, métodos e eventos de aprendizagem), ou membros que detêm papéis de liderança.

Desenvolver espaços públicos e privados – Devem ocorrer encontros públicos abertos a todos os participantes (onde troquem ideias, resolvam problemas, tenham discussões técnicas) e espaços destinados a interações informais, garantindo a importância de determinado tópico para a comunidade;

Focar no valor – Uma CoP existe e mantém-se devido ao valor, criado de formas múltiplas e complexas, que acumula para os seus membros, organização e parceiros. Inicialmente, nem sempre é óbvio qual o valor da comunidade. É importante focar nos problemas e necessidades dos membros. No entanto, o reconhecimento coletivo do valor da comunidade é lento, dependendo das experiências profissionais das pessoas.

Combinar familiaridade e entusiasmo – Encontros, conferências, *websites*, trazem uma sensação de familiaridade que promove interação e discussão de ideias.

Criar ritmo – Cada CoP o seu próprio ritmo, existindo momentos mais enérgicos ou mais rotineiros, no entanto, este não deve ser nem demasiado acelerado para não provocar sobrecarga de trabalho ou desistência, nem demasiado lento que possa provocar desmoralização ou preguiça. Eventos públicos, encontros periódicos, mudanças de conteúdos no *website* ou celebrações/feiras irão criar o ritmo da comunidade, gerando vivacidade e evolução.

Neste sentido, procedeu-se à elaboração de um plano para o desenvolvimento da CoP. Primeiramente, foi definida a identidade da comunidade, identificando o tema e grupo alvo da

comunidade. Seguidamente foi estruturado o ambiente tecnológico, desenvolvendo-se um espaço *online* na plataforma Moodle (disponibiliza funcionalidades essenciais ao trabalho colaborativo – figura 1) orientado para a implementação e dinamização da CoP, bem como um grupo privado no Facebook (permite interações mais pessoais e partilhar diferentes conteúdos) dedicado aos investigadores (figura 2), estando os seus sucessos dependentes da utilização e adoção por parte dos investigadores.

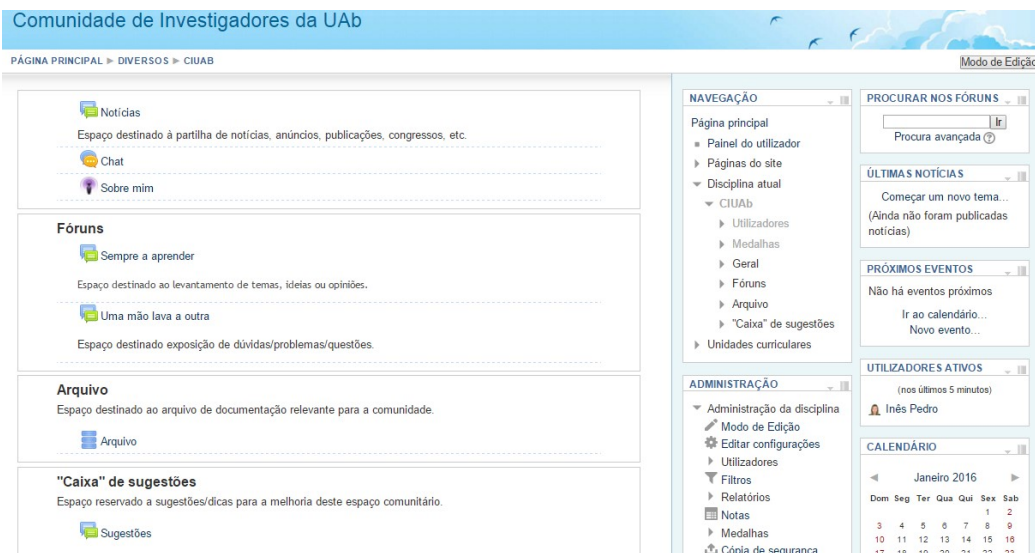


Figura 1 – Plataforma Moodle



Figura 2 – Grupo no Facebook

Posteriormente definiu-se um coordenador para a comunidade, procedendo-se ao envio de um *e-mail* de apresentação e à participação em diversos grupos relacionados com a UAb no Facebook. Seguidamente, foram acordadas reuniões presenciais e via Skype com alguns investigadores, para discutir os seus projetos recentes e interesses futuros.

Após a inscrição de alguns investigadores no grupo do Facebook, contando atualmente com 43 membros, têm sido feitas várias publicações, quer pelo coordenador, quer pelos membros, referentes a prazos de candidaturas, *workshops*, interesses pessoais, etc.

Nesta fase, pretende-se introduzir os investigadores na plataforma procedendo-se a uma atividade de quebra-gelo, havendo um longo percurso a fazer.

Reflexão final

Este trabalho permitiu refletir e clarificar diversos aspetos relacionados com a integração das CoP nas instituições, bem como a criação de uma CoP direcionada para a investigação na UAb. Neste sentido, procurou-se fazer uma pesquisa bibliográfica para a contextualização e compreensão da realidade deste fenómeno.

Foi possível perceber que a dinamização da CoP, um investimento para a promoção de práticas de investigação, apresenta-se como um desafio para a instituição, pois implica tempo, apoio e comprometimento.

Das 19 reuniões realizadas com investigadores da UAb, verifica-se um crescente interesse no desenvolvimento de projetos de investigação, apesar da falta de financiamentos ou de tempo para realizarem estas tarefas (referindo um excesso na carga letiva), bem como pela preferência do trabalho em equipa. Averiguou-se ainda a necessidade de existir mais apoio em questões como contabilidade, recursos humanos, procedimentos, aquisições, etc.

Os gráficos 1 e 2 apresentam as interações existentes em cada publicação, durante 3 meses, no grupo do Facebook até dia 23 de março. Verifica-se um aumento de interação em publicações originadas por alguns investigadores, em relação às do coordenador. Dos 43 membros do grupo, em média, apenas 21 visualizam as publicações, havendo maior ou menor interesse conforme o tipo de publicação feita. Importa referir que, por serem mais antigas, algumas publicações apresentam mais visualizações ou interações.

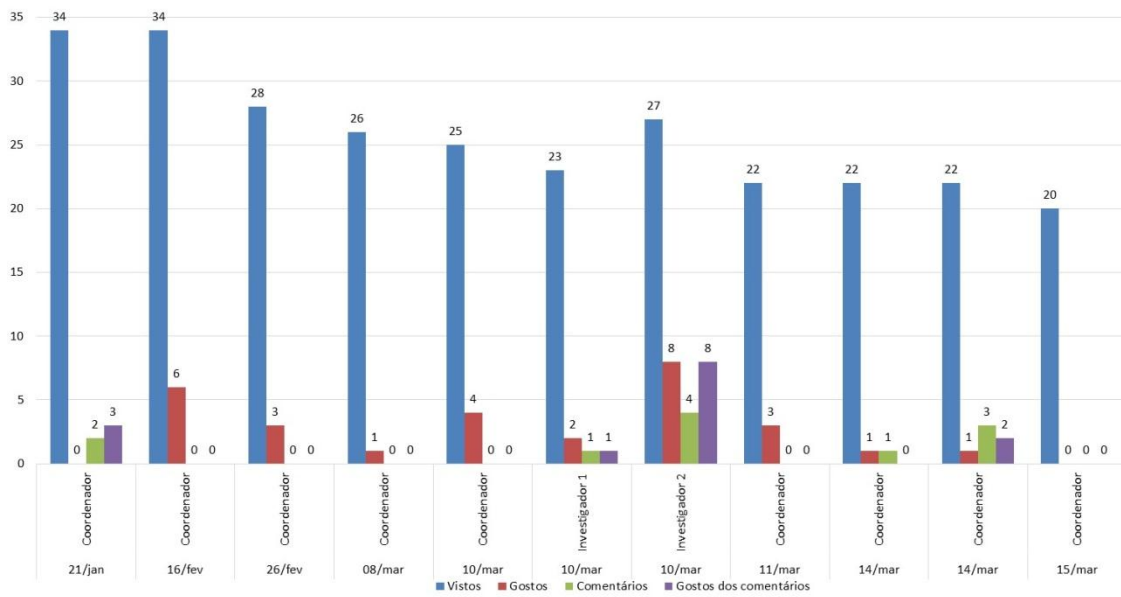


Gráfico 1. Dinâmicas do grupo Facebook por publicação

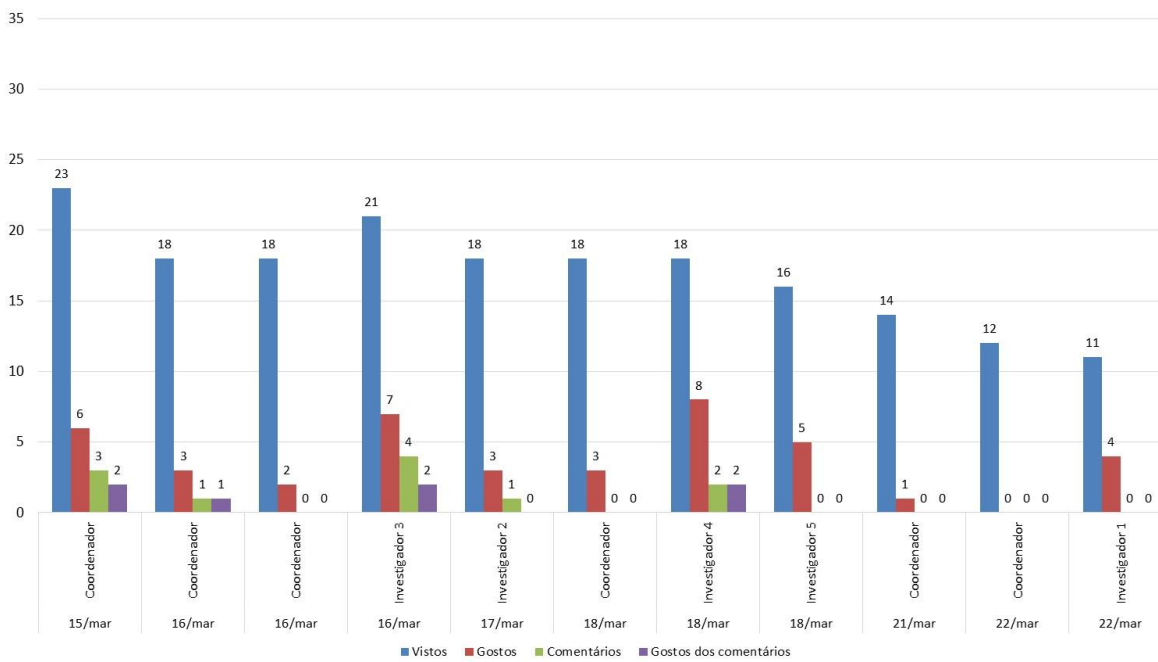


Gráfico 2 - Dinâmicas do grupo Facebook

Tendo em conta as necessidades sentidas pela instituição, o trabalho em curso está a ter aceitação pelos investigadores, embora seja um processo moroso, como referiam Wenger, McDermott e Snyder (2002).

Referências

- Balancieri, R., Bovo, A., Kern, V., Pacheco, R., & Barcia, R. (2005). A análise de redes de colaboração científica sob as novas tecnologias de informação e comunicação: um estudo na Plataforma Lattes. *Ciência da Informação*, 34(1), 64-77.
- Cordenonzi, W. et al. (2013). Mobile Q Construção de uma Comunidade de Prática sobre Mobile Learning. *RENOTE*, 11(1), 1679-1916.
- Cox, M. (2013). The impact of communities of practice in support of early-career academics. *International Journal for Academic Development*, 18(1), 18-30. Routledge: Taylor & Francis Group.
- Dias, P. (2008). Da e-moderação à mediação colaborativa nas comunidades de aprendizagem. *Educação, Formação & Tecnologias*, 1(1), 4-10.
- Hill, M. & Haigh, M. (2012). Creating a culture of research in teacher education: Learning research within communities of practice. *Studies in Higher Education*, 37(8), 971-988.
- Hoadley, C. (2012). What is a Community of Practice and How Can We Support It?. In D. H. Jonassen & S. M. Land (Eds.), *Theoretical foundations of learning environments* (2, 287-300). New York: Routledge.
- Loureiro, A. et al. (2009). Factores Críticos de Sucesso em Comunidades de prática de Professores Online. In: Dias, P. & Osório, A. (org.) Proceedings of the VI International Conference of TIC in Education – Challenges 2009 (1069-1084).
- Melo, M., & Sattamini, S. (1999). A criação de comunidades virtuais na Petrobras. In *VI Congresso internacional de educação a distância*. Anuário ABEDI, (1), 1-5.
- ORPEG (s.d.). Comunidade de Prática. *ORPEG*. Acedido setembro 14, 2015, em <http://www.orpeg.com.br/site/comunidade-de-pratica>
- Silva, A. (2008). *Aprendizagem e comunidades de prática*. BOCC – Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação: ISSN, 1646-3137.
- Takimoto, T. (2012). *Afinal, o que é uma comunidade de prática?*. Sociedade Brasileira de gestão do Conhecimento – SBGC. Acedido setembro 14, 2015, em <http://www.sbgc.org.br/sbgc/blog/afinal-que-e-uma-comunidade-pratica>
- Wenger, E. (2002). *Cultivating communities of practice a quick start-up guide by Etienne Wenger*. Acedido, novembro 13, 2015, em http://ec.europa.eu/employment_social/equal_consolidated/data/document/0709-cop-guide_en.pdf
- Wenger, E. (2011). *Communities of Practice – A Breif Introduction*. . Acedido setembro 14, 2015, em <http://wenger-trayner.com/introduction-to-communities-of-practice/>
- Wenger, E., McDermott, R., & Snyder, W. (2002). *Cultivating communities of practice: A guide to managing knowledge*. Massachusetts: Harvard Business Press.